

Entrevista

→ **Classificação:** Entrevista – episódios de vida

→ **Assunto:** Relato de uma vida árdua desde muito cedo, dedicada ao trabalho e aos filhos, passando por dois casamentos e o trabalho constante no campo.

→ **Região:**

- **Distrito:** Lisboa
- **Concelho:** Alenquer
- **Localidade:** Pereiro de Palhacana (em Mata de Palhacana)

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Mariana Monteiro
- **Data de nascimento:** 1942
- **Residência:** Pereiro de Palhacana

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2011
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 00:04:30

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Maio 2012
- **Palavras:** 625

Entrevista

A história da minha vida foi muito, muito madrasta. Fui criada sozinha, sem ninguém. Eu e eu mesmo. Fui trabalhar para uma quinta com onze anos, a trabalhar no duro e cinquenta escudinhos por mês – e comer e dormir e vestir. Depois lá arranjei outra coisinha, fui servir para uma pensão, lavar louça na copa. Depois aparece a minha mãe, coitada, com um fragateiro. Quis-me levar com ela; andei com ela sabe Deus como – como os ciganos. Como os ciganos mesmo: como os ciganos. A dormir por aqui, por ali e por acolá. O homem era um *fulineiro*¹ à porta, desses homens que arranjam chapéus e essas coisas. Aí foi do pior – do pior. Foi do pior.

Depois casei-me muito novinha, tinha catorze anos. Casei-me. Tive quatro filhos seguidos. O meu marido arreigou ferro: deixou-me os filhotes. Tive que os criar. Isto passou-se. Vivia sozinha; depois já duma mão cheia de anos, tornei a casar. Aí então é que a vida começou a ser um bocadinho... um bocadinho melhor. Mas o meu marido, coitado, era um bocadinho... gostava um bocadinho da pinga. Mas ao menos tinha comerzinho e tinha casa, e tudo bem. Tive mais outra filhota e prontos. E a vida era muito dura; muito ruim. Para mim foi muito madrasta.

Agora – o meu marido morreu há catorze anos – é que eu tenho tido liberdade à maneira, como se fosse uma rapariga nova. Agora é que eu estou uma rapariga nova, a viver a vida bem! Graças a Deus tenho uma reformazinha menos má, não pago renda de casa e faço o que bem quero e me apetece. Agora é que eu estou bem.

Tinha onze anos quando fui para uma quinta tratar de porcos. Apanhava-se hortaliça, ervas, a ceifar – ervas, hortaliças... Apanhava-se batata, apanhava-se

¹ O mesmo que funileiro, bate-chapas ou amolador.

beterraba para os porcos, lavava a casa dos porcos... Eu e mais, não só eu! Pronto, era uma vida dura, duma miúda que havia de andar na escola – não pude ir para a escola – não é? Alguma coisa que sei foi que eu da minha cabeça consegui aprender. Mas não havia nada para ninguém.

Depois estive lá um ano e tal, falaram-me para eu ir para um restaurante que havia em Leiria (não sei se ainda há), para ir lavar louça para a copa; para lavar louça. Fui para lá. Estive lá até me ajuntar com o meu primeiro marido.

Vim para cá, andei por aí nas fazendas a apanhar, sei lá, a apanhar uva, a apanhar vides... No campo! Foi sempre. Eu estou reformada do... Ah, e tomava conta duma velhota, que é donde eu estou reformada. Porque o campo não... A gente não tínhamos descontos... E então eu tomava conta duma senhora que era aleijadinha, aqui na Freiria. Lá, todos os dias, todos os dias... E antes de ir, ferrar ao trabalho, e à noite ia lá deitá-la e fazer-lhe as coisas. É dela que eu tenho a caixa das domésticas, que o campo não... O campo agora se calhar até dá, não sei... Mas dantes não dava. Dantes não tínhamos... Não havia reformas, pronto. Não havia descontos, não havia reformas.

[Quando ia para o campo, ia com outras mulheres?]

Muitas! Muitas mulheres!

[E como é que era? O que é que faziam? Conversavam, cantavam?]

Era. Conversávamos, olha... Era conversar da nossa vida, era o que a gente sabia fazer, era conversar da nossa vida. Umas havia quem tivesse melhor vida, outras havia quem tivesse menos. Umas eram felizes, outras não eram. E era assim. E as que sabiam muito bem cantar, cantavam toda a tarde se fosse preciso! E eu e outras, as anedotas que sabemos, aprendíamos umas, esquecíamos outras e era assim que se passava o dia.